

**A ESSÊNCIA DO LUGAR E DA PAISAGEM: UM OLHAR
SOBRE OS BEIRADEIROS DO RIO DE ONDAS –
BARREIRAS - BAHIA**

**THE ESSENCE OF THE PLACE AND LANDSCAPE: A
LOOK AT THE RIVERSIDE COMMUNITIES AT RIO DE
ONDAS - BARREIRAS - BAHIA – BRAZIL**

**LA ECSENCIA DEL LUGAR Y DEL PAISAJE: UNA
MIRADA HACIA LOS “BEIRADEIROS” DEL RIO DE
ONDAS – BARREIRAS – BAHIA/BRAZIL**

EVANILDO SANTOS CARDOSO

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do
Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de
Goiás – IESA/UFG
Professor Assistente da Universidade Federal da Bahia- ICAD/UFBA
Rua Professor José Seabra, s/n - Centro
CEP: 47805-100 - Barreiras, BA - Brasil
E-mail: evanildo@ufba.br

PROF^a. DR^a. MARIA GERALDA DE ALMEIDA

Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG
End. Rua Ruy Brasil Cavalcante, nº 189, Ed. São Francisco, Apt. 902,
Setor Oeste, Goiânia-GO, CEP: 74140-140.
mgdealmeida@gmail.com

RESUMO

Este artigo lança um olhar sobre as comunidades “beiradeiras” do Rio de Ondas, município de Barreiras, estado da Bahia. A abordagem presente no texto destaca o nível de desenvolvimento econômico e demográfico acelerado que vive a região ao mesmo tempo apresenta outras formas que persistem na percepção do lugar e da paisagem. A percepção dessas duas categorias materializadas no cotidiano por manifestações simbólicas diversas é subsídio para a compreensão de espaços apropriados diferenciadamente por comunidades e indivíduos. Este estudo deriva de leituras e contatos com as comunidades “beiradeiras” e reacende discussões sobre as mudanças recentes no lugar e na paisagem de comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Rio de Ondas, lugar, paisagem, Barreiras, Cerrado.

ABSTRACT

This article takes a look at the "riverside" communities at Rio de Ondas, city of Barreiras, state of Bahia. The approach in this paper highlights the level of economic development and rapid population living in the region and offers other ways that persist in the perception of place and landscape. The perception of these two categories materialized in daily life for many is symbolic manifestations tool to understand the appropriate spaces differently by communities and individuals. This study derives from reading and contacts with the "riverside" communities and rekindled discussions about recent changes in place and the landscape of traditional communities.

Keywords: Rio de Ondas, place, landscape, Barreiras, Cerrado.

RESUMEN

Este artículo lanza una mirada hacia las comunidades "beiradeiras" del Rio de Ondas en el municipio de Barreiras, estado de Bahía/Brasil. El abordaje presente en el texto destaca el nivel de desarrollo económico y demográfico acelerado en que vive la región y presenta otras formas que persisten en la percepción del lugar y del paisaje. La percepción de estas dos categorías materializadas en el cotidiano por manifestaciones simbólicas diversas, es subsidio para la comprensión de espacios ocupados diferenciadamente por comunidades e individuos. Este estudio proviene de lecturas y contactos con las comunidades "beiradeiras" y reactiva discusiones sobre los cambios recientes en el lugar y en el paisaje de comunidades tradicionales.

Palabras-clave: Rio de Ondas, lugar, paisaje, Barreiras, Cerrado.

1 INTRODUÇÃO

O *lugar* tem sido estudado com maior interesse, como uma categoria de análise geográfica possível de identificar as relações existentes entre o homem e a natureza. Ao adotar este caminho o pesquisador tem como desafio perceber o espaço vivido construído pelos indivíduos e coletividade.



Estes sujeitos atuam no espaço e constroem paisagens variadas carregadas de significados simbólicos. A comunidade ribeirinha Vau da Boa Esperança no tocante às manifestações simbólicas revela modos de vida conectados fortemente com o sentido de pertencimento ao *lugar*.

A comunidade disponibiliza um universo de práticas sócio-espaciais representado pela forma de utilizar os recursos naturais, pelos valores e crenças arraigados nas diversas gerações e nos laços afetivos. Estas singularidades inerentes ao *lugar* e à *paisagem* são de certa forma, camuflados pelo acelerado desenvolvimento econômico do oeste baiano a ponto de deixá-las como valores sem relevância.

Os estudos dos autores que influenciaram este texto permitiram realizar uma leitura desde o sentido de pertencimento ao lugar das comunidades beiradeiras à caracterização geoeconômica da cidade de Barreiras, este último é tema essencial para entendermos a inserção no contexto regional das comunidades ribeirinhas.

Foi possível identificar que, por um lado, a percepção construída sobre o tema tem demonstrado que o sentimento de pertencer a algum *lugar* constrói o espaço íntimo e de produção da vida pelo que revelam Tuan (1983) e Carlos (1996). Por outro lado, o olhar foi direcionado também para uma visão do local em conexão com o global, numa tentativa progressista como sugere Massey (2000).

Trata-se, este artigo, de colaborar com os diversos trabalhos existentes sobre comunidades tradicionais do Cerrado Brasileiro. Também ousa provocar outros debates salutares na pesquisa geográfica com base nas comunidades beiradeiras do Rio de Ondas, localizadas no município de Barreiras no Estado da Bahia.

2 LEITURAS SOBRE O LUGAR E A PAISAGEM DO VAU DA BOA ESPERANÇA

Neste trabalho, privilegamos o debate acerca da dimensão existente sobre a paisagem e o lugar sob o argumento de que estas categorias dão sustentação para o entendimento das práticas culturais exercidas por comunidades tradicionais à luz de uma geografia cultural renovada a partir da década de 1980.

Para Claval (2001) a nova abordagem cultural favorece ao geógrafo uma análise da convivência entre o espírito e o meio ambiente



e este passa a entender que a compreensão de paisagem como realidade objetiva deixa de ser apreendida para dar lugar à concepção das populações locais. E salienta ainda que:

Se as paisagens não são realidades objetivas, seu papel na vida dos grupos humanos é mais complexo do que geralmente se pensa. Ela desempenha o papel de suporte de mensagens e de símbolos. (CLAVAL, 2001, p.58)

A partir dos anos de 1980, portanto, o enfoque da Geografia Cultural privilegia e discute o papel do indivíduo enquanto ser social e político.

O espaço vivido na concepção de Relph (1976, p.28) citado por Holzer (2006) provém dos lugares existenciais e perceptuais da experiência imediata. O *lugar* pensado por aquele autor está representado pelas frustrações, confusões e esperanças da vida e não faz parte do mundo positivista que ainda cerca a ciência moderna.

Na concepção de Holzer (2006) *lugar* e *paisagem* são conceitos indistintos. Enquanto um é visto sob o olhar do indivíduo o outro pela coletividade. Há na leitura que este autor faz de Relph o destaque para a essência do *lugar*, o que lhe dá realmente sentido e finalidade, pois a familiaridade, a visão intersubjetiva de uma experiência direta forma o *lugar*.

Em outra perspectiva ao pensar a *paisagem* do Vau da Boa Esperança esta não corresponde à dos cartões postais pois estes representam uma paisagem que expressa o recurso natural, o produto do mercado turístico para um público de consumidores sedentos por paisagens paradisíacas.

Neste caso, a essência do *lugar* e da *paisagem* é desconhecida para uns enquanto para as comunidades tradicionais é espaço de reprodução da vida. Quanto à *paisagem* esta é dotada de significados que vão além da objetividade humana. Na comunidade pode-se perceber que o *lugar* está intimamente ligado ao sentimento de pertencimento e que a *paisagem* como conjunto indissociável amarra os laços afetivos. Esta representação envolve desde os momentos de conversa no terreiro das casas até o manejo e extração dos recursos naturais.

Para o geógrafo Paul Claval (2001) compreender o papel da cultura na atualidade permite entender a convivência entre o espírito e



o meio ambiente que o envolve. O mesmo entende que a compreensão de paisagem como realidade objetiva deixou de ser apreendida para dar lugar à concepção das populações locais.

Mendes (2008, p.137) ao abordar sobre identidades sociais e suas representações salienta que: “A vida simples das famílias rurais revela um dos mundos manifestos como resultado de uma espacialidade construída por interesses divergentes”. E complementa:

A compreensão da reprodução de seu modo de vida é buscada através das relações de parentesco, da multifuncionalidade de tarefas, das formas de cooperação e de solidariedade entre parentes e vizinhos (MENDES, 2008, p.138).

Isto vem dar embasamento para entender também a territorialidade construída nas relações existentes na comunidade do Vau da Boa Esperança.

Esta comunidade não está isolada, ou distante do mundo que a cerca. Possui um único tempo que transcorre para as velhas e novas gerações em sentidos diversos. Para os mais velhos, apesar das transformações espaço-temporais promovidas em uma curta escala de tempo os valores são fortemente ligados à terra para plantar, às ervas para curar doenças, à lenha para cozinhar, aos animais de criação, aos animais do mato, à comunidade e à família.

Para as novas gerações, é o lugar do descanso, mas algumas vezes de diversão no rio, nos barzinhos, porém é diferente da cidade, onde trabalham e estudam, onde acontecem as grandes festas e novidades do meio urbano. O olhar sobre essas paisagens requer, portanto, ultrapassar a aparência e descobrir a sua essência.

Separar os conceitos e categorias geográficas e entendê-las sob o viés positivista é uma metodologia que, a nosso ver, não mais se adequa aos estudos geográficos sobre lugar e paisagem da Geografia Cultural Contemporânea. Do ponto de vista do pesquisador é necessário articular as visões e entendê-las como um único pensamento intersubjetivo das paisagens e dos modos de vivê-la pelos de “dentro” expressão que Almeida (2003) utiliza quando expõe os estereótipos construídos pelos de “fora” sobre a paisagem do sertão.

As representações materiais e imateriais inerentes ao *lugar e* construídas pelos de “dentro” estão expressos nos depoimentos mas



também na tipologia das casas, nos objetos de cozinha, nos alimentos e em tantas outras formas de representações simbólicas.

Quando o beiradeiro relembra o tempo de fatura, dos trabalhos com a terra, na fabricação de farinha e rapadura, nas caminhadas pela mata, na caça, e no preparo dos alimentos (como na leitoa assada no forno à lenha) há uma expressão de um modo de vida particular, que celebra os encontros e a vida.

Na compreensão do tema por Carlos (1996) *lugar* é o produto das relações humanas, entre homem e natureza construindo relações em uma rede de significados e sentidos. É onde se produz a vida. É possível perceber, seguindo o mesmo raciocínio, que os sujeitos atuam na paisagem e são mutáveis, se reescrevem, se adaptam e carregam consigo sentimentos de valorização do *lugar*.

Ao considerarmos o tema *paisagem* e correlacionarmos com o *lugar* a visão construída pela Geografia ainda é puramente cartesiana e aristotélica, como enfatiza Holzer (2006), ou seja, marcada por uma profunda necessidade de descrever e conceituar. Sendo assim o que não pode ser definido em outros termos é a *paisagem*.

Mas quando a negação do que ela representa conceitualmente é adotada pode-se aferir que a mesma é provida de significados que constróem identidades.

Em outro trabalho Almeida (2008) reforça a idéia de que a *paisagem* constitui-se, assim, em uma realidade complexa, na qual se mesclam natureza e cultura, objetividades e subjetividades. A natureza é um componente da identidade territorial para povos com diferentes relações e simbologias, e exemplifica com os geraizeiros, os cerradeiros, e os barranqueiros do Rio São Francisco.

Este pensamento vem ao encontro de uma investigação pautada na redescoberta do *lugar* e da *paisagem* também por outra denominação, que adotamos neste artigo, os beiradeiros do Rio de Ondas. Este *lugar* visto em sua essência sem isolá-lo do “mundo exterior” é singular, porém, pertence a um forte complexo agroexportador que expressa a tentativa do domínio de outros interesses em torná-lo inautêntico como é destacado adiante através de uma pequena análise sócio-econômica.

3 O MUNICÍPIO DE BARREIRAS E O ACELERADO CRESCIMENTO ECONÔMICO

A situação geográfica de Barreiras às margens do Rio Grande permitiu alcançar um desenvolvimento maior do que outros municípios vizinhos. Era pelo porto de Barreiras que escoavam a borracha da mangabeira, gêneros alimentícios e até ouro dos garimpos de Goiás, como destaca a filha de Barreiras, historiadora Ignez Pitta de Almeida:

O norte de Goiás, atual Tocantins, não tinha estradas de comunicação com a sua capital e todos os produtos que exportava, principalmente o ouro de minas, e todas as mercadorias industrializadas que importava tinham que sair e chegar pelas barcas nesse último porto do Rio Grande, o que era relevante fator de riqueza para o lugar.(ALMEIDA, 2005, p.23).

A partir das décadas de 1930 e 1940 a sua função sócio-econômica passou por mudanças significativas devido ao advento da indústria automobilística e a construção de rodovias estaduais e federais. O conjunto de mudanças na região estava combinado com as reformas estruturais dos governos federais das épocas dos presidentes Getúlio Vargas e posteriormente de Juscelino Kubistchek.

A década de 1970 é considerada como o marco das transformações econômicas e espaciais no Centro-Oeste e, no oeste baiano, na região de fronteira com Goiás. A partir dos anos 1980 devido ao baixo valor das terras, aos créditos agrícolas e ao movimento migratório sulista outras formas de produção da terra foram se estabelecendo.

Para que isso fosse concretizado foi fundamental o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado) a partir de 1987 em Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Bahia. De forma resumida, para compreendermos os passos dessa evolução destacam-se três momentos históricos:

1º momento - Até 1970

-Predomínio da Pecuária extensiva, agricultura de subsistência, extrativismo, pesca, transporte fluvial.

2º momento - 1970 a 1980

- Investimento através de crédito agrícola e correção do solo, migração, monocultura da soja, intensificação do transporte rodoviário.

3º momento - 1980 aos dias atuais

- Modernização, crédito agrícola (PRODECER), intensificação da correção do solo (fertilizantes), definição do agronegócio, melhoramento genético.

- Atuação de grandes empresas transnacionais: Bunge alimentos e Cargill.

- Diversidade de culturas agrícolas: soja, cana, algodão, café, trigo, sorgo, milho e frutas.

- Aumento da densidade demográfica e migração campo-cidade, formação de periferias urbanas e da precarização do trabalho.

- Perda da Biodiversidade.

Esses períodos demarcam objetivamente as etapas que foram determinantes para a implantação hoje do complexo quadro sócio-ambiental.

A região se tornou o El Dorado do agronegócio pois a expansão da fronteira agrícola para o oeste baiano modificou profundamente a paisagem natural pela intensa utilização da terra e da água. Os inúmeros pivôs centrais construídos se destinam a irrigar terras dominadas pela agora diversificação agroindustrial.

Este processo, com semelhança no Centro-Oeste, Estados do Maranhão e Piauí, favoreceu a fixação de uma população detentora, por um lado da maior parte de recursos financeiros e por outro, a maioria que por não ter as mesmas condições usufruem dos espaços dotados de menor infraestrutura.

Com a dinâmica territorial ocorrida em pouco mais de vinte anos, como ressaltado anteriormente, a maior parcela dos habitantes do município de Barreiras ocupa territórios desprovidos de saneamento e sitiados por mansões, condomínios, fazendas e chácaras.



Esse quadro atual demonstra que a urbanização muitas vezes acompanhada pela especulação imobiliária ocorre de forma descontrolada sem o cuidado com as leis ambientais, o meio ambiente e com as populações nativas. O fato é que uma nova rede urbana foi criada e o campo com a moderna mecanização se conecta cada vez mais ao mercado internacional.

As políticas de incentivo à modernização agrícola, visando o aproveitamento racional do Cerrado Baiano apresentam seu crescimento mais substancial a partir da década de 1980, como destacado anteriormente, quando foram instaladas importantes empresas agronegócio, de capitais nacionais e internacionais.

Para modificar a característica de vegetação “pobre” e de “baixa fertilidade” e tornar o Bioma Cerrado produtivo, a agropecuária foi apresentada sob uma racionalidade economicista de que viria modernizar terras sem utilização como aconteceu no Sudoeste Goiano. O Oeste Baiano, portanto, alcançou, através de seus atores hegemônicos, uma identidade diferenciada do restante do Estado da Bahia e se tornou a região econômica do agronegócio.

Dessa forma, novos e potentes equipamentos e implementos agrícolas são introduzidos nessas terras muitos deles de empresas sediadas fora do país mas com escritórios na região, é o caso da John Deere, a Cargill, e a Bunge Alimentos.

No setor automobilístico empresas japonesas instalaram-se próximas à entrada da cidade de Barreiras ao longo da BR 242: Mitsubishi e Toyota indicam que o mercado local está integrado em rede com o global. Esta posição conquistada pela cidade de Barreiras a levou a ocupar um posto econômico importante como afirma Dallacqua (2007, p.61): “Barreiras é conhecida como a capital da soja dos anos 80 e principal centro urbano dos cerrados baianos”. Com esta afirmação o município de Barreiras diversificou a base agroindustrial e ampliou sua ação para outros estados como Goiás e Tocantins.

Alves (2006) analisa efeitos negativos dessas mudanças ao estudar os cerrados nordestinos. Este autor associa a urbanização acelerada em Barreiras ao processo de expulsão da população rural das áreas vizinhas. Ainda reconhece que há duas formas de reprodução no campo: a da agricultura moderna e a da agricultura camponesa. Essa condição provoca consequências negativas como se lê no trecho abaixo:



Agrava-se, ainda, pelo aumento da degradação dos ambientes naturais, verificado em anos recentes, tais como o desmatamento, o assoreamento dos rios, o desaparecimento das nascentes dos principais rios e da fauna da região, etc. Ou seja, a extinção dos meios de vida da população camponesa produz como conseqüência o abandono de suas unidades produtivas, tendo como alternativa encaminhar para as cidades (ALVES, 2006, p.76).

O Rio de Ondas, que possui suas nascentes na Serra Geral de Goiás na divisa com a Bahia está inserido nessa região complexa que alcançou um elevado crescimento econômico e demográfico por conta de uma intensa migração resultante da sojicultura e das oportunidades geradas pelo setor, que, de certa forma dinamizou as relações de produção.

Porém, com o avanço da agricultura moderna no entorno do Rio de Ondas grandes extensões de terras foram tomadas e restam aos agricultores os campos úmidos, as margens dos rios e riachos.

As paisagens naturais perdem, aos poucos, sua importância ecológica principalmente em regiões do agronegócio. Este setor tem conseguido alta competitividade no mercado global devido a um sistema integrado entre empresas, bancos e concessão de privilégios pelo Estado.

Compreende-se que a desarticulação da economia local e o surgimento de conflitos com as populações nativas podem modificar o *lugar*, os costumes e como conseqüência a fragmentação dos laços afetivos entre as comunidades Beiradeiras do Rio de Ondas.

4 VAU DA BOA ESPERANÇA: TRAVESSIA PARA O FUTURO

As comunidades beiradeiras resistem às mudanças radicais efetuadas pelo crescimento demográfico e econômico. Tidas como isoladas e atrasadas em relação às técnicas implantadas nos campos de

cultivo agrícola elas comandam, ainda, suas vidas com o olhar no futuro e na prática de suas tarefas comunitárias.

A denominação Vau da Boa Esperança é atribuída à passagem, à travessia existente em um córrego ou rio. As travessias foram muitas e ainda ocorrem no deslocamento dos automóveis e pessoas para os centros urbanos. Famílias foram formadas ao longo dos vales dos Rios Grande e de Ondas, se instalando e atuando na agricultura de subsistência, na pecuária extensiva, nos engenhos de cana e nas casas de farinha.

Com o manejo do solo principalmente da roça da mandioca, do feijão, do milho e da cana, a terra sempre foi trabalhada para a produção e consumo local e o que sobrava era vendido nas feiras e comércio da cidade.

Dona Miquilina, moradora mais antiga da região, aos oitenta e cinco anos, ainda guarda consigo lembranças. Lembra os tempos que a família possuía muitas terras e que aos poucos foram sendo ocupadas. Revela que alguns conflitos sobre a verdadeira posse de parte das terras ainda estão sendo questionadas, pois há quarenta ou cinquenta anos não se tinha a preocupação com o registro como há atualmente.

Mendes (2008) nos relata que para alguns indivíduos lembrar o passado é manter um sentido de continuidade frente às dinâmicas sócio-econômicas. Na sua visão isto expressa um forte vínculo social com o lugar.

Por isso Dona Miquilina, com um sentimento saudosista, utiliza a expressão oficina de cana e mandioca feitas de forma artesanal pelo seu pai e esposo que revela um tempo de maior solidariedade nos trabalhos comunitários.

Atualmente, como salientou, as novas gerações não se preocupam em exercer este tipo de atividade e os equipamentos da cana estão guardados no depósito sem utilidade. Mas mesmo com essa mudança a farinha e a tapioca (polvilho) continuam sendo produzidos pelos mais novos, ou seja, os filhos e irmãos e, considerados como os melhores produtos da região. Relata que ainda faz muitos serviços de casa e não se acostumou com o fogão a gás, utilizando o fogão a lenha para preparar o café e o almoço.

Há um total de treze famílias na comunidade entre sobrinhos, netos, e primos. Como expressão da religiosidade há uma pequena igreja católica em cima do morro onde são realizadas as celebrações



religiosas e, segundo Dona Miquilina é só chamar que o padre vem celebrar a missa em qualquer dia da semana.

Através do trabalho diário percebe-se que Dona Miquilina aproxima a relação do homem com a natureza. A *paisagem* é coletiva com o sentido comunitário onde todos trabalham em grupo e em família. O *lugar* é o seu lar, onde nasceu, onde se criou e criou os filhos, onde se sente acolhida para acolher os amigos. Expressa, então, o sentimento de pertencimento, construído ao longo de várias gerações. Ela expõe a sua percepção de lugar que é a sua própria vida.

Outro personagem dessa pequena história do Vau e bastante conhecido entre as comunidades beiradeiras é o Sr. Ambrósio José de Santana, genro de Dona Miquilina. Este agricultor veio há vinte poucos anos do Morrão localidade do vizinho município de São Desidério. A *paisagem* para o mesmo neste período era outra bem diferente da que se encontra atualmente. Lembrou que não tinha tanta ocupação de terras como agora e que podia caminhar pelas matas tranquilamente. Acabou se fixando às margens do Rio de Ondas com a esposa e os filhos no início dos anos 1980 nesta comunidade.

Esta natureza absorve os aspectos físicos como as serras da Ondina e de Tamanduá pois delimitam o espaço das comunidades influenciadas por vales úmidos e com relevos pedimentados. Nos quintais, já no vale, e ao redor das habitações encontram-se os abacateiros, os coqueiros, as mangueiras e outras árvores frutíferas como os pés de mexerica que revelam a introdução de espécies diferentes da paisagem natural do Cerrado. Em outro patamar, recobrando os morros próximos são encontrados espécies de *Cerrado stricto sensu* mais preservados.

Parte da riqueza desse Bioma está representada na ocorrência das seguintes espécies nas proximidades da casa do Sr. Ambrósio e identificadas pelo próprio: o assa-peixe (*Vernonia sp.*), o barbatimão (*Stryphnodendron sp.*) a quina (*Kielmeyera spp.*) para tosse e inflamação da garganta, o baru (*Anacardium spp.*), o ingá (*Inga uruguensis*), o araticum (*Annona classiflora*), a mangaba (*Hacornia speciosa*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), o murici (*Byrsonima verbascifolia*), o jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), comestíveis, a macela (*Achyrocline satureoides*), a flor do cerrado (*Caliandra dysantha*) ambas medicinais, e o pau-pombo (*Tapirira guianensis*) este madeireiro e ornamental.

Para Almeida (2003) esta riqueza do Cerrado transforma-o em um dos hotspots de Biodiversidade do planeta e que as populações



tradicionais ainda não perceberam a importância de seu conhecimento popular sobre as plantas como estratégia para manterem seus direitos de propriedade garantidos e continuarem a ser os “guardiões da natureza”.

Esta preocupação pode suscitar dois questionamentos: primeiro, as comunidades querem que seu conhecimento seja comercializado? E, segundo: haverá participação justa na possível comercialização de produtos advindos desse conhecimento popular? Estas são questões que devem ser respondidas pois envolve Biodiversidade Cultural e histórias de vida marcantes e não somente a diversidade de espécies vegetais para fins econômicos.

Por isso o Sr. Ambrósio, grande conhecedor das ervas medicinais, utiliza as plantas para curar seus pequenos males e dos que o procuram, mora sozinho depois que ficou viúvo e quando seus filhos casaram e mudaram para a cidade. Maria Aparecida, sua filha, conta um pouco da história de sua família quando lembra que assistia com seus irmãos às aulas dadas por uma amiga professora debaixo de uma lona. Hoje, após muitas dificuldades, formou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual da Bahia.

A casa de Sr. Ambrósio possui um estilo rústico erguida com madeira bruta, sem acabamento no teto, porém, conectada com uma antena parabólica. Esta pode oferecer outras programações de lugares distantes e entretenimento aos finais de semana como as partidas de futebol.

O *lugar* vivenciado pelos mais velhos está envolto por um ritmo lento, em comparação com a velocidade ditada pelo mundo moderno pois ainda é forte o laço cultural arraigado no cotidiano: caçar um peba ou anta na madrugada, coletar as plantas para remédio, cuidar dos porcos e do gado, cozinhar no fogão a lenha são tarefas tão particulares que faz o Sr. Ambrósio indivíduo e natureza. Nas comunidades ribeirinhas pode-se perceber que lugar é pertencer e imprimir seus traços no local. É onde se (re)produz a vida.

Este outro tempo nos remete a Tuan (1983, p.219): “Estar arraigado em um lugar é uma experiência diferente da de ter e cultivar um “sentido de lugar”. Todos no Vau da Boa Esperança consideram que ali é outro ambiente que une passado e presente apesar de que para as novas gerações a sensação de tempo afeta o sentido que elas possuem de *lugar*. Como exemplos, o cuidado com o gado e a mandioca, são etapas distantes do dias movimentados dos mais



jovens que adquiriram o ritmo do urbano onde estudam e trabalham em funções diferentes daquelas realizadas no meio rural.

Visto dessa forma, a percepção que os beiradeiros possuem sobre o *lugar* é construído com o tempo, demora anos e não corresponde àquele do mundo moderno. Massey (2000, p.178) questiona se este *lugar* particularizado ou singular não pode ser visto por um olhar progressista: “Não podemos repensar nosso sentido do lugar?” Aposta em três idéias para se discutir: 1. Lugar é absolutamente não estático. 2. Os lugares não tem que ter fronteiras. 3. Os lugares não tem identidades únicas ou singulares.

O debate é importante pois exercita nossa percepção sobre o Vau da Boa Esperança ou de outras comunidades que possuem características particulares. Mesmo porque a ameaça a esta comunidade se faz presente através do maior movimento dos automóveis, pela expansão de chácaras às margens do Rio de Ondas, pela exploração de manganês e de energia hidrelétrica que podem modificar por completo o ritmo de vida local.

Mas a vida para os mais velhos, é exercida por valores contidos nos objetos, nas relações humanas pois são sujeitos da história do *lugar*. Ao extrair as plantas do mato do próprio quintal para remédio caseiro, Sr. Ambrósio afirma que dificilmente precisa de remédio receitado pelos médicos. A crença popular neste caso explica que natureza e cultura são carregadas de sentidos.

Este conhecimento tem sido valorizado pelo mercado mundial de drogas com outro significado, o do capital. Mas para estas populações é um conhecimento simbólico e prático da interação homem e natureza.

Este quadro permite entender a *paisagem* do Vau da Boa Esperança e interpretá-la sobre diferentes olhares, ou para citar Almeida (2003, p. 71): “pela pluralidade de olhares”. Para Rigonato (2005, p.65) sua percepção encontra-se de forma semelhante na seguinte passagem: “É na paisagem que os indivíduos com suas manifestações culturais sociais e étnicas ganham consciência e identidade de modo coletivo nos grupos socioculturais”.

No caso do Vau da Boa Esperança é latente o forte sentimento de família presente na comunidade que se reúne freqüentemente nas comemorações de aniversários, nas celebrações religiosas, ou mesmo nos almoços de domingo.



Outras comunidades beiradeiras complementam o quadro sócio-cultural como a comunidade de Gentil, Mucambinho, Tamanduá, Boca dos Gerais e Fazendinha. O deslocamento para a cidade de Barreiras é freqüente e o serviço de um coletivo atende aos membros da comunidade que precisam realizar atividades como estudos, trabalho, compras dentre outros compromissos.

A tranqüilidade marcante na *paisagem* e no *lugar* abre espaço para discussões sobre as possíveis alterações advindas do projeto de construção de uma PCH (Pequena Central Hidrelétrica) na comunidade, e também na exploração de outros recursos minerais, principalmente o manganês.

A associação de moradores do Vau da Boa Esperança tem nos últimos dois anos discutido este projeto no Rio de Ondas que proporcionaria a geração de energia elétrica ao aproveitar o desnível do rio e de suas corredeiras. Este fato tem gerado repercussões negativas em outras bacias hidrográficas, pois a dinâmica ambiental pode ser mais uma vez atingida bem como o ritmo de vida das comunidades que vivem próximas ao local da implantação do projeto.

A associação de moradores se opõe a esta intervenção pela empresa Renova energia que pretende desviar água e barrar sedimentos, e, dessa forma, promover a alteração da ecologia aquática, da vazão fluvial, e no aproveitamento da água para várias famílias residentes. As influências externas como estas ainda não transformou por completo o ritmo da comunidade, pois a mesma tem se organizado e levado suas preocupações ao conselho de meio ambiente do município de Barreiras e às autoridades municipais.

Esta situação reabre a discussão sobre a construção de barragens e a posterior inundação de terras pertencentes às populações tradicionais. Não é a primeira PCH instalada no Rio de Ondas mas se discute a real necessidade de uma nova hidrelétrica e a quem vai servir sua energia.

Existe neste confronto a idéia de desenvolvimento com a de atraso. As comunidades beiradeiras manejam a terra com técnicas tradicionais de produção. A família participa dos trabalhos nas roças de milho, mandioca e feijão. Remédios são produzidos através da coleta de plantas nos quintais das casas, animais são criados (porcos, galinhas, e bois), outros são silvestres e ainda são caçados. A energia para cozinhar vem da lenha que é extraída das árvores do Cerrado.



Este quadro difere de um modelo modernizador do agronegócio, e da implantação de uma rede de articulação de poder para fornecer aos grandes empreendimentos agrícolas energia hidrelétrica que intensifique projetos desenvolvimentistas.

Mas as resistências da comunidade às investidas de fora reforça o sentimento pelo *lugar* e a rejeição às novas mudanças ou benefícios advindos desse empreendimento.

Mesmo com alterações significantes a montante da bacia do Rio de Ondas, é marcante o estágio de conservação da paisagem natural na comunidade Vau da Boa Esperança. A vegetação é a maior expressão do conjunto paisagístico destacando-se a mata ciliar dominada pelos buritis (*Mauritia flexuosa*) e pelo campo úmido onde o lençol freático se encontra mais superficial.

Esta riqueza natural e o grau de sua conservação está intimamente associado com as técnicas de manejo da terra. A relação entre o uso do Cerrado, como salienta Rigonato (2005), e seus habitantes estabelecem com este Bioma torna-se um marco identitário das populações tradicionais. Compreende-se, assim que o conjunto de práticas, crenças, valores e relações expressam uma identidade particular da comunidade com a natureza e isto a diferencia de toda e qualquer outra forma de relação.

O que preocupa é a expansão de técnicas agrícolas e de captação de energia hidrelétrica em áreas de proteção ambiental e em comunidades tradicionais, pois o risco de eliminação da herança ecológica e cultural do Cerrado Baiano é iminente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de investigação sobre comunidades tradicionais pela leitura do *lugar* e da *paisagem* é gratificante. Exige do pesquisador um olhar atento para as variadas formas de manifestação. A comunidade Vau da Boa Esperança tem marcado a sua história na paisagem. Esta está presente nos gostos, no colorido dos ipês, no silêncio para ouvir os pássaros e no som das águas. Ela se encontra nos sentimentos mais íntimos dos moradores, nas saudades de outros tempos, de outros momentos, mas também nos encontros entre as velhas e novas gerações.

“É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol



nascer e se pôr, de trabalhar e brincar”. (TUAN,1983, p.203) Longe de ser um lugar isolado do mundo lá é possível perceber um ritmo de diferente pois há a necessidade do descanso, da conversa informal, no desenvolvimento das técnicas agrícolas de subsistência em contraste com o mundo artificializado da indústria do agronegócio. Procurou-se rever os conceitos mas aqueles sentimentos enraizados pelos que fazem o *lugar* e a *paisagem* ainda se impõem mesmo com a chegada de outros valores culturais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In:ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C.(Org) **Geografia e cultura – a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Ed. Vieira, 2008. 313 p.

_____. **Cultura ecológica e biodiversidade**. Mercator, Ano II, n.3, Fortaleza: 2003.

_____. **Em busca do poético do sertão: um estudo de representações**. In: ALMEIDA, M. G. de.; RATTTS, A. JP. (Org) **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.286 p.

ALMEIDA, Ignez Pitta de. **Barreiras, uma História de Sucesso**. Documentos Barreirenses – Coleção do Professor – V.I, Barreiras: Cangraf, 2005. 35 p.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **Mobilização e Modernização nos Cerrados Piauienses: Formação territorial no império do agronegócio**. 2008. 289 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

CLAVAL, Paul. O papel da Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj,2001, 146p.

DALL'ACQUA, Clarice Torres Borges. **Planejamento Territorial do Desenvolvimento: ação técnica e ação política – uma prática piloto na região de Barreira**. 2007.183 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

RIGONATO, Valney Diaz. A dimensão sociocultural das paisagens do Cerrado Goiano: o distrito de Vila Borba. In: ALMEIDA, M. G.(Org) **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.348 p.

SANTOS, Pablo Santana; EPIPHANIO, José Carlos Neves. - **Avaliação histórica da expansão agrícola sobre o Cerrado no município de Luís Eduardo Magalhães, Bahia**. Anais In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 19, 2009, Anais. Natal: UFRN, 2009, p.6181-6188.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. A. (Org) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão – GO. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. da C.(Org) **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Ed. Vieira, 2008, 313 p.

HOLZER, Werther. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. de; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. **Geografia, Percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: edições Humanidades, 2006.313 p.

